

SÃO JOÃO DAMASCENO



HOMILIAS



ECCLESIA - 2025

São João Damasceno

«Homilias»

(c. 676–749) – monge, teólogo, Pai da Igreja)



SUMÁRIO

Introdução	2
A Dormição Theotokos	3
Introdução	4
Convite à Ascensão Mística	4
A Escada Viva ao Céu	5
O Túmulo Glorioso	5
Cântico de Vitória.....	6
A Segunda Existência de Maria.....	6
A Ascensão da Rainha	7
Súplica e Louvor Final.....	8
Notas	8
A Natividade de Maria.....	9
Introdução	9
1. Chamado à Celebração Universal	10
2. Nascimento Milagroso de Maria.....	10
3. Maria, Escada Viva ao Céu.....	11
4. Porta do Oriente e Alegria Universal	12
5. Louvor a Joaquim e Ana	12
6. Filha Superior aos Anjos	13
7. Maria, Livro Vivo de Deus.....	13
8. Remédio dos Contrários	14

9. Vinha de Vida Eterna	14
10. Templo Vivo de Deus.....	14
11. Saudação à Porta das Ovelhas	15
12. Súplica Final	15
Antologia de Textos Homiléticos.....	15
Introdução	16
1. Vosso Pai Não Quer que Se Perca um Só Desses Pequenininhos	16
2. A Virgem Maria, Imagem da Igreja Futura: I Homilia sobre a Dormição, 11-14	17
3. Eis que lhes apareceram Moisés e Elias: Homilia sobre a Transfiguração do Senhor	18
4. Mãe da glória (Homilia 2 na dormição da Virgem Maria, 2 e 14).....	26
5. O jardim da Sagrada Escritura (Exposição da fé ortodoxa, IV 17)	30
6. A força da Cruz (Exposição da fé ortodoxa, I14 11)	31
7. O coro dos anjos (Exposição sobre a fé ortodoxa, II, 3).....	35
 Da veneração das imagens ao louvor da matéria: "O grande mar do amor de Deus pelo homem.....	 37

Introdução

São João Damasceno, o último Padre da Igreja no Oriente, nasceu em Damasco entre os anos 650 e 674, em uma família abastada. Seu pai ocupava um cargo elevado na corte, e o próprio João integrou a administração do califado como Logoteta, ou seja, chefe da população cristã, que já vivia sob o domínio dos califas. Por volta de 726, abandonou essa posição e retirou-se para o mosteiro de São Sabas, perto de Jerusalém.

Ordenado sacerdote, destacou-se por uma intensa atividade literária, respondendo a consultas de bispos e pregando frequentemente em Jerusalém. Homem de vasta cultura, seu amor fervoroso por Jesus Cristo e sua terna devoção a Santa Maria o colocam entre as figuras ilustres da Igreja, tanto por sua virtude quanto por seu conhecimento. Teologicamente, sua relevância está em sintetizar a tradição patrística com originalidade e força criadora. Suas obras abrangem os gêneros dogmático, polêmico, exegético, ascético-moral, homilético e poético.

Seu nome está intimamente ligado à defesa da ortodoxia cristã contra a heresia iconoclasta, que rejeitava o culto às imagens. São João transmitiu à Idade Média uma síntese admirável da riqueza doutrinal da Patrística grega. Junto com São João Crisóstomo, é o Padre oriental mais citado pelos autores escolásticos, que o viam como uma autoridade. Após sua morte, por volta de 750, sua fama de santidade já era amplamente reconhecida. O II Concílio de Niceia, em 787, teceu-lhe elogios fervorosos por sua santidade e ortodoxia. Em 19 de agosto de 1890, foi proclamado Doutor da Igreja pelo Papa Leão XIII.

A Dormição Theotokos

São João Damasceno (c. 676–749)

Fonte: Gomes, Folch. Antologia dos Santos Padres.

Ed. Paulinas, 1979.

Data da Publicação: 21 de fevereiro de 2025

Introdução

Quem ama ardentemente algo costuma trazê-lo nos lábios e no pensamento dia e noite. Não me censurem, pois, por oferecer este terceiro panegírico à Mãe de meu Deus, em honra de sua partida. Não é um favor a ela, mas a mim e a vós, divina e santa assembleia aqui presente, que sirvo este manjar salutar. Nesta noite sagrada, em meio à penúria que nos aflige, improviso esta refeição espiritual. Não é suntuosa nem digna de sua inspiração, mas que ao menos sacie nossa fome. Maria não precisa de elogios; somos nós que buscamos sua glória. “Vivo eu”, diz o Senhor, “e glorificarei os que me glorificam” (cf. 1 Sm 2, 30).

O vinho alegra, o pão nutre (Sl 104, 15), mas que há de mais doce que a Mãe de meu Deus? Ela cativa meu espírito, reina em minhas palavras e sua imagem me acompanha incessantemente. Mãe do Verbo, concede-me a fala! Filha de mãe estéril, torna fecundas as almas áridas! Hoje celebramos sua santa e divina Dormição.

Convite à Ascensão Mística

Acorramos à montanha mística! Deixemos as imagens terrenas, penetremos a treva divina e incompreensível, ingressemos na luz de Deus e exaltemos seu poder infinito. Aquele que, em sua transcendência imaterial, desceu ao seio virginal para se encarnar, sem abandonar o Pai; que pela Paixão enfrentou a morte, conquistando a imortalidade e retornando ao Pai — como não atrairia ao Pai sua Mãe segundo a carne? Como não elevaria ao céu aquela que foi um verdadeiro céu na terra?

A Escada Viva ao Céu

Hoje, a escada espiritual pela qual o Altíssimo desceu e “conversou entre os homens” (Br 3, 38) sobe, pelos degraus da morte, da terra ao céu. A mesa terrestre que, sem núpcias, trouxe o Pão da Vida e a Brasa da divindade foi elevada aos céus. Para a Porta do Oriente, a Porta de Deus, as portas celestes se abriram.

Da Jerusalém terrestre, a Cidade Viva de Deus ascendeu à Jerusalém celeste (Hb 12, 22). Aquela que gerou o Primogênito de toda criatura (Cl 1, 15) e Unigênito do Pai habitará na Igreja das primícias. A arca viva do Senhor foi conduzida ao repouso de seu Filho (Sl 132, 8). As portas do paraíso se abriram para acolher a terra portadora de Deus, onde brotou a Árvore da Vida Eterna, redentora da desobediência de Eva e da morte de Adão. Cristo, causa da vida universal, recebe a gruta oculta, a montanha intocada de onde se destacou a Pedra que enche a terra (Dn 2, 34-35).

O Túmulo Glorioso

Aquela que foi leito nupcial da Encarnação repousou em um túmulo glorioso, como em tálamo, para ascender às núpcias celestes, onde reina com seu Filho e Deus. Seu túmulo, na terra, é um lugar de núpcias — não ornado de ouro ou gemas, mas refulgente pela luz do Espírito Santo. Não une esposos terrenos, mas concede às almas, pelos laços do Espírito, uma vida santa e uma condição divina mais doce que qualquer outra.

Mais belo que o Éden, esse túmulo não viu a sedução do inimigo, a fraqueza de Eva ou a expulsão (Gn 3). Enquanto o jardim trouxe a morte — “tu és terra e à terra tornarás” (Gn 3, 19) —, o túmulo de Maria elevou um corpo mortal ao céu. Mais precioso que o tabernáculo, encerrou o candelabro vivo da luz divina, a mesa do Pão Celeste, o fogo imaterial da divindade. Mais feliz que a arca de Moisés, acolheu a verdade, não sombras: a urna do maná celeste, a mesa viva do Verbo encarnado pelo Espírito, o altar dos perfumes que aromatizou a criação.

Cântico de Vitória

Fujam os demônios! Gemam os nestorianos, engolidos pelo abismo da blasfêmia, como os egípcios no mar! Nós, salvos, cantemos à Mãe de Deus o hino do Êxodo (Ex 15). Que a Igreja, como Miriam, tome o tamborim; que as virgens do Israel espiritual dancem com coros! Reis, juízes, jovens, virgens e anciãos exaltem a Mãe de Deus! Que povos e línguas componham um cântico novo, com flautas e trombetas espirituais, celebrando o dia da salvação! “Alegrai-vos, ó céus” (Is 44, 23), nuvens, chovei alegria! Saltai, apóstolos, montanhas sublimes, e vós, povo santo, cordeiros de Deus, colinas que aspiram às alturas!

A Segunda Existência de Maria

Morreu a fonte da vida, a Mãe de meu Senhor? Sim, era preciso que o corpo terreno retornasse à terra, para dali subir ao céu, rejeitando a mortalidade como ouro no crisol e recebendo a vida incorruptível. Hoje, Maria inicia uma segunda existência, dada por aquele que a trouxe à primeira,

assim como ela lhe deu a vida corpórea, sendo Ele eterno no Pai.

Alegra-te, Sião, montanha santa, onde habitou a Montanha Viva, a nova Betel ungida pela divindade! Dela, o Filho ascendeu aos céus. Que os apóstolos, como nuvens e águias, voem dos confins da terra para cultuar a Mãe de Deus!¹ Quem é esta que sobe, bela como o sol (Ct 6, 10)? Que as línguas dos apóstolos, cítaras do Espírito, cantem; que Hieroteu², vaso de eleição, entoe hinos em êxtase! Que nações e anjos glorifiquem seu corpo mortal!

A Ascensão da Rainha

Filhas de Jerusalém, levai a Rainha ao Esposo, à direita do Senhor! Desce, ó Soberano, acolhe a alma de tua Mãe nas mãos que entregaste ao Pai na cruz (Lc 23, 46)! Chama-a: “Vem, ó formosa, resplandecente na virgindade, partilhaste-me teus bens, vem gozar os meus!” Aproxima-te, ó Mãe, participa do poder régio daquele que contigo viveu na pobreza! Ascende, ó Soberana! Não mais “sobe e morre” (Dt 32, 49-50), mas morre e eleva-te pela morte!

Entrega tua alma a teu Filho e à terra o que é dela, pois até isso será elevado contigo. Erguei os olhos, Povo de Deus! Eis em Sião a arca do Senhor, assistida pelos apóstolos em seu último culto ao corpo que foi princípio de vida. Anjos a cercam invisivelmente, e o Senhor, onipresente, a acolhe — Ele que tudo contém, mas não está contido.

Súplica e Louvor Final

Eis a Virgem, filha de Adão e Mãe de Deus: por Adão, entrega o corpo à terra; por seu Filho, eleva a alma aos céus. Santificada seja Jerusalém por essa bênção! Que os anjos preparem seu túmulo, que o Espírito o ilumine, que aromas embalsamem o corpo imaculado! Que a criação celebre sua ascensão: jovens em alegria, oradores em panegíricos, sábios em reflexões, anciãos em contemplação.

Vinde, cerquemos seu túmulo para haurir graça! Abracemos em espírito o corpo virginal, morramos às paixões e conheçamos o mistério: como foi elevada ao céu, junto de seu Filho, acima dos anjos. Este terceiro discurso, ó Mãe de Deus, ofereço à Trindade, cuja cooperadora foste pelo Pai e pelo Espírito, ao receberes o Verbo. Aceita minha boa vontade, maior que minha capacidade, e concede-me salvação, libertação das paixões, alívio das doenças, vida de paz e luz do Espírito. Inflama nosso amor por teu Filho, guíe-nos à bem-aventurança, para que, vendo-te refulgir com Ele, cantemos hinos eternos a Cristo, nosso Deus, com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos. Amém.

Notas

- Refere-se à tradição de que os apóstolos se reuniram em Jerusalém para a Dormição de Maria.
- Hieroteu, identificado como mestre de Dionísio, o Areopagita, em *Os Nomes Divinos*, é mencionado por São João Damasceno como figura mística presente na Dormição.

A Natividade de Maria

Autor: São João Damasceno (c. 676–749)

Tradução: Seminário de Sintra (Portugal)*

Data da Publicação: 21 de fevereiro de 2025

Introdução

A festa da Natividade de Nossa Senhora é celebrada desde tempos antigos no Oriente, como atestam numerosos textos dos Padres da Igreja. Esta homilia, pronunciada por São João Damasceno em Jerusalém, na Igreja da Piscina Probática — local onde Jesus curou o parálítico e onde a tradição, respaldada por apócrifos, situa a casa de Joaquim e Ana —, exalta a glória de Maria como Mãe do Salvador.

Trata-se de um panegírico exuberante, com expressões que parecem nascidas de um estado de êxtase espiritual. Recorrendo ao Antigo Testamento, aos Evangelhos, às Cartas, à tradição oral, a outros teólogos e à liturgia bizantina, o Doutor da Igreja destaca a importância do nascimento de Maria para a salvação e a Igreja, louvando também seus pais, Joaquim e Ana. Um marco notável é a afirmação pioneira de Maria como Imaculada, além da exploração das tipologias do Antigo Testamento que a prefiguram.

A influência de São João Damasceno na Idade Média foi imensa, fornecendo a base patrística para dogmas como a

Assunção Corporal de Maria ao Céu, cuja intuição já se vislumbra em sua obra.

Segue a homilia, intitulada: **“Do humilde monge e presbítero João Damasceno, homilia para o nascimento de nossa santíssima Senhora, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria”**.

1. Chamado à Celebração Universal

Vinde, todas as nações, homens de todas as raças, línguas, idades e condições: celebremos com alegria o nascimento da alegria do mundo! Se os gregos honravam com oferendas os aniversários de divindades fictícias e de reis opressores, que diremos nós do aniversário da Mãe de Deus, por quem a humanidade foi transformada e o castigo de Eva convertido em júbilo? A Eva foi dito: “Darás à luz com dor”; a Maria: “Alegra-te, ó Cheia de Graça”. A primeira ouviu: “Inclinar-te-ás ao teu marido”; a segunda: “O Senhor está contigo”. Que homenagem daremos à Mãe do Verbo, senão a palavra? Que a criação se regozije e entoe hinos, pois nasceu a mulher que gerou um tesouro eterno de bondade, restaurando a natureza por meio da humanidade. O Verbo, unindo-se ao homem — elo entre o visível e o invisível —, uniu toda a criação. Celebremos o fim da esterilidade humana, pois a barreira aos bens nos foi retirada.

2. Nascimento Milagroso de Maria

Por que a Virgem Maria nasceu de uma estéril? Para o único verdadeiramente novo sob o sol, o ápice das maravilhas divinas, o caminho devia ser preparado por prodígios,

elevando o menor ao maior. Mais sublime ainda: a natureza cedeu à graça, tremendo e abdicando da primazia. Como a Mãe de Deus viria de Ana, a natureza reteve seu fruto até que a graça o produzisse. Era justo que a primogênita fosse aquela que geraria o “Primogênito de toda a criação” (Cl 1, 15).

Ó Joaquim e Ana, casal bem-aventurado! A criação vos deve gratidão, pois por vós ofereceu ao Criador o dom supremo: uma Mãe digna d’Ele. Felizes os rins de Joaquim, que geraram semente imaculada, e o seio de Ana, onde se formou tão santa filha! Ó entranhas que carregaram um céu vivo, mais vasto que os céus! Ó moinho que amassou o Pão da Vida, pois Cristo disse: “Se o grão de trigo não morrer, ficará só” (Jo 12, 24). Ó seio que nutriu quem alimenta o mundo! Maravilha das maravilhas, paradoxo dos paradoxos! A Encarnação divina exigia tais prelúdios. Meu coração exulta, dividido entre temor e amor; o ardor me arrebatava ao cântico: “Alegrem-se os céus, exulte a terra” (Sl 95, 11).

3. Maria, Escada Viva ao Céu

Hoje, as portas da esterilidade se abrem, e uma porta virginal avança: por ela, o Deus acima de todos “virá ao mundo” em carne (Cl 2, 9). Da raiz de Jessé brotou uma vergôntea, gerando a Flor unida à divindade. Da terra, formou-se um céu novo, mais divino que o firmamento, pois nele o Criador do sol tornou-se o Sol da Justiça. Duas naturezas em uma Pessoa — contra os erros dos Acéfalos e Nestorianos —, a Luz eterna tomou corpo, saindo como esposo do tálamo (Sl 18, 6), alegrando-se como gigante em nossa natureza, vencendo a morte e resgatando a ovelha perdida.

O “Filho do Carpinteiro”, Verbo ativo de Deus, afiou a natureza embotada, construindo uma escada viva: sua base na terra, seu cume nos céus. Deus repousa nela, como Jacob viu (Gn 28, 12), descendo em condescendência para “conversar com os homens” (Br 3, 38). Maria, fixada na terra por sua origem, tem por cabeça o Pai, que, pelo Espírito, enviou o Verbo. Assim, sem união natural, o Verbo se fez carne (Jo 1, 14), unindo Deus aos homens.

4. Porta do Oriente e Alegria Universal

Hoje ergue-se a Porta do Oriente (Ez 44, 2), por onde Cristo entrará e sairá, permanecendo fechada. Nela está “a Porta das Ovelhas” (Jo 10, 7), o “Oriente” (Zc 6, 12), que nos conduz ao Pai das Luzes (Tg 1, 17). Sopram brisas de alegria universal: “Alegre-se o céu, exulte a terra” (Is 49, 13), pois nasceu a concha que, pelo clarão divino, gerará a Pérola inestimável, Cristo. Dela sairá o Rei da Glória (Sl 23, 7), revestido de carne, para libertar os cativos (Is 61, 1).

A natureza exulte: veio a cordeirinha cujo Pastor vestirá a ovelha, arrancando as túnicas da mortalidade. Que a virgindade dance, pois nasceu a Virgem que, segundo Isaías, “conceberá e dará à luz Emmanuel, Deus conosco” (Is 7, 14). Ó Nestorianos, aprendei: “Deus conosco” é o Senhor em Pessoa, que nos salvará.

5. Louvor a Joaquim e Ana

Ó Joaquim e Ana, casal imaculado! Pelo fruto de vosso seio fostes reconhecidos, conforme o Senhor: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7, 16). Vivestes castamente,

gerando a jóia da virgindade, a única Virgem antes, durante e após o parto. Dela, a castidade produziu a Luz Única, pela vontade do Pai. Ó maravilhas! Nela, divindade e humanidade, sofrimento e impassibilidade, vida e morte se unem, para que o menor seja vencido pelo maior, tudo para minha salvação. Ó Mestre, que me amas a ponto de realizar pessoalmente minha redenção! Exulto e canto hinos à tua Natividade.

6. Filha Superior aos Anjos

Ó Joaquim e Ana, “par de rolas” místicas! Observando a castidade natural, gerastes uma Mãe de Deus sem esposo, uma filha superior aos anjos, que sobre eles reina. Ó dulcíssima Filha, lírio entre espinhos, da linhagem de Davi! Por ti, a realeza uniu-se ao sacerdócio, revelando o espírito da Lei. Ó Rosa do judaísmo, perfume divino! Felizes os braços que te carregaram, os lábios de teus pais que te beijaram castamente. Hoje, o mundo inicia sua salvação: “Aclamai o Senhor, terra inteira” (Sl 99, 1), pois na Probática nasceu a Mãe do Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1, 29).

7. Maria, Livro Vivo de Deus

Hoje, o Verbo Criador fez um livro novo, escrito pelo Espírito, língua de Deus, e dado a José, que não o leu, pois não conheceu Maria (Mt 1, 25). Ó Filha de Joaquim e Ana, intacta no tálamo do Espírito, Esposa e Mãe de Deus! Nos braços de tua mãe, és terror das potências rebeldes; nutrida de leite, rodeada de anjos. Gerações te chamam bem-aventurada (Lc 1, 48), beleza da humanidade, redenção de Eva. Por ti, Maria, que enganaste a serpente, a imortalidade entrou no mundo.

8. Remédio dos Contrários

A graça superabundou onde o pecado abundou (Rm 5, 20). Se guardássemos a primeira união com Deus, não mereceríamos a segunda, mais sublime. Pelo pecado, perdemos o dom; pela compaixão divina, fomos redimidos. A terra, outrora cheia de fornicção, afastou-se do Senhor (Os 1, 2). Mas hoje nasce a Virgem, adversária da corrupção ancestral, esposa de Deus e Mãe de Sua misericórdia, tornando amado o que não era (Os 2, 25). Dela veio o Filho Bem-Amado (Mt 3, 17).

9. Vinha de Vida Eterna

Joaquim e Ana semearam justiça e colheram vida. “Alegrai-vos no Senhor” (Jl 2, 23), pois a estéril deu fruto. Ana, rejubila: tua filha é a Mãe de Deus, porta da luz, fonte da vida, que anula a culpa de Eva. Reis se prostrarão diante dela (Sl 71, 11), adornada pela graça do Espírito, cuja glória brota de seu seio. Ó mulher três vezes bem-aventurada: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre” (Lc 1, 42).

10. Templo Vivo de Deus

Ó maravilha suprema: uma mulher acima dos serafins, pois Deus se fez “inferior aos anjos” (Hb 2, 9)! Que Salomão se cale: há algo novo sob o sol (Ecl 1, 9). Ó Virgem, templo do Príncipe da Paz, adornada pelo Espírito e pela Pérola, Cristo. Suplica-Lhe que purifique nossos lábios (Is 6, 7), para cantarmos: “Santo, Santo, Santo” (Is 6, 3).

Santo o Pai, que te predestinou. Santo o Filho, que te fez nascer de uma estéril, para nascer de ti, Primogênito entre irmãos (Rm 8, 29). Santo o Espírito, que te guardou intacta, como a sarça ardente (Ex 3, 2).

11. Saudação à Porta das Ovelhas

Saúdo-te, Porta das Ovelhas, morada da Mãe de Deus, outrora redil de Joaquim, hoje Igreja de Cristo. Antes, um anjo curava um só (Jo 5, 4); agora, multidões celestes celebram a Fonte de Cura. O “Anjo do Grande Conselho” (Is 9, 6) desceu como chuva no velo (Jz 6, 37), renovando a natureza. Saúdo-te, Maria, graça juvenil, humilde e obediente, morada de Deus, glória da humanidade.

12. Súplica Final

Ó Joaquim e Ana, recebei este louvor. Ó Soberana, acolhe-me, pecador inflamado de amor. Alivia meus pecados, dissipa minha névoa, guia-me à felicidade celeste. Concede paz ao mundo e salvação aos fiéis, pelas orações de teus pais e da Igreja. “Salve, ó Cheia de Graça” (Lc 1, 28)! A Ele a Glória, com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém!

Antologia de Textos Homiléticos

São João Damasceno (c. 676–749)

Data da Publicação: 21 de fevereiro de 2025

Introdução

Esta antologia reúne trechos homiléticos de São João Damasceno, um dos últimos Padres da Igreja no Oriente, cuja obra reflete profunda devoção e riqueza teológica. Os textos aqui apresentados abordam a criação e redenção do homem, a Dormição da Virgem Maria e a Transfiguração do Senhor, entrelaçando Escritura, tradição e liturgia. Cada homilia exalta a ação divina na história da salvação, oferecendo ao leitor um convite à contemplação e à esperança.

1. Vosso Pai Não Quer que Se Perca um Só Desses Pequenininhos

Texto: Exposição sobre a Fé

Introdução: Nesta meditação, São João Damasceno louva a providência divina que forma, sustenta e redime cada alma, enfatizando o amor de Deus que não deseja a perda de nenhum de seus filhos (cf. Mt 18, 14).

Homilia:

Vós me formastes, Senhor, do corpo de meu pai; Vós me moldastes no ventre de minha mãe; Vós me trouxestes à luz, menino e nu, pois as leis da natureza obedecem sempre aos vossos desígnios. Com a bênção do Espírito Santo, preparastes minha criação e minha existência, não pela vontade humana nem pelo desejo da carne (Jo 1, 13), mas por vossa graça inefável. Com cuidado superior às leis naturais, dispusestes meu nascimento, fizestes-me emergir à luz do

dia, adotando-me como vosso filho (Gl 4, 5) e me incluístes entre os filhos de vossa Igreja, santa e imaculada.

Vós me nutristes com o leite espiritual de vossos ensinamentos, sustentastes-me com o vigoroso alimento do Corpo de Cristo, nosso Deus e Filho Unigênito, e me embriagastes com o cálice divino de seu Sangue vivificante, derramado pela salvação do mundo. Porque vós, Senhor, nos amastes e entregastes vosso Filho único e amado para nossa redenção, missão que Ele abraçou livremente.

E assim, Senhor Jesus Cristo, meu Deus, vos humilhastes para me carregar aos ombros como ovelha perdida, apascentando-me em verdes pastagens (Sl 23, 2). Vós me saciastes com as águas da verdadeira doutrina por meio de vossos pastores, a quem sustentais para que alimentem vossa grei escolhida e nobre.

2. A Virgem Maria, Imagem da Igreja Futura: I Homilia sobre a Dormição, 11-14

Introdução: São João Damasceno celebra a Dormição de Maria como uma passagem gloriosa à morada celeste, apresentando-a como modelo da Igreja e guia da esperança do povo de Deus.

Homilia:

Ó Mãe de Deus, sempre Virgem, tua sagrada partida deste mundo é uma verdadeira passagem, um ingresso na morada divina. Ao deixar este mundo material, entras numa “pátria melhor” (Hb 11, 16). O céu acolheu tua alma com júbilo:

“Quem é esta que surge como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol?” (Ct 6, 10). “O Rei te introduziu em seus aposentos” (Ct 1, 4), e os anjos glorificam a Mãe de seu Senhor, verdadeira Theotokos por natureza e desígnio divino.

Os apóstolos carregaram teu corpo imaculado, verdadeira arca da aliança, e o depositaram em seu santo túmulo. Como quem cruza outro Jordão, chegaste à Terra Prometida, a “Jerusalém do alto” (Gl 4, 26), construída por Deus. Tua alma não desceu à morada dos mortos, nem tua carne conheceu a corrupção (At 2, 31; Sl 16, 10). Teu corpo puríssimo não foi retido pela terra, mas elevado ao Reino dos Céus, ó Rainha, Soberana, Senhora, Mãe de Deus.

Hoje nos achegamos a ti, nossa Rainha e Virgem; voltamos nossa alma à esperança que representas. Queremos honrar-te com “salmos, hinos e cânticos espirituais” (Ef 5, 19). Ao venerar a serva, manifestamos nossa união ao Senhor comum. Lança teus olhos sobre nós, ó Mãe do bom Soberano, e guia-nos ao porto sereno da vontade divina.

3. Eis que lhes apareceram Moisés e Elias: Homilia sobre a Transfiguração do Senhor

Introdução: Nesta homilia, São João Damasceno reflete sobre a Transfiguração, destacando Cristo como cumprimento da Lei e dos Profetas, Senhor dos vivos e dos mortos, cuja glória eterna é revelada aos discípulos.

Homilia:

“Uma nuvem luminosa cobriu-os com sua sombra” (Mt 17, 5), e os discípulos, tomados de temor, viram Jesus, o Salvador, com Moisés e Elias na nuvem. Outrora, Moisés entrou na nuvem divina ao ver Deus (Ex 24, 18), indicando que a Lei era sombra. Diz São Paulo: “A Lei era sombra dos bens futuros, não a realidade mesma” (Hb 10, 1).

Naquele tempo, Israel “não pôde fixar os olhos na glória passageira do rosto de Moisés” (2 Cor 3, 7). “Mas nós, com o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor e somos transformados de glória em glória, pelo Espírito” (2 Cor 3, 18). Por isso, a nuvem que envolveu os discípulos era luz, não trevas, pois “o mistério oculto por séculos foi revelado” (Cl 1, 26), manifestando a glória eterna.

Moisés e Elias, ao lado do Salvador, personificam a Lei e os Profetas. Jesus, anunciado por ambos, é o dispensador da vida. Moisés representa os santos adormecidos (Dt 34, 5), Elias os vivos (2 Rs 2, 11), pois o Transfigurado é Senhor de ambos. Moisés, que outrora viu a Terra Prometida de longe (Dt 34, 4), agora a contempla plenamente, guiado por Jesus.

Aqui está o texto revisado, corrigido e organizado para publicação em uma biblioteca online. A estrutura foi mantida fiel ao original, com cada seção apresentada de forma clara e acessível, incluindo subtítulos que refletem os temas centrais. A linguagem foi ajustada para maior fluidez em português, preservando o tom teológico e poético de São João Damasceno. As notas foram integradas ao final, e as citações bíblicas foram verificadas e padronizadas.

O Jardim da Sagrada Escritura

Texto: Exposição da Fé Ortodoxa, IV, 17

Diz o Apóstolo: “Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais por meio dos profetas; nestes últimos dias, porém, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1, 1-2). Pelo Espírito Santo falaram a Lei, os profetas, os evangelistas, os apóstolos, os pastores e os mestres. Por isso, “toda Escritura é inspirada por Deus e útil” (2 Tm 3, 16). Assim, explorar as divinas Escrituras é belo e salutar.

Como uma árvore plantada junto a cursos d’água, a alma irrigada pela Sagrada Escritura cresce e dá frutos em seu tempo (Sl 1, 3) — a fé reta —, adornada com folhas verdes, isto é, obras agradáveis a Deus. Pelas Escrituras, somos guiados a ações virtuosas e à pura contemplação. Nelas encontramos estímulo para todas as virtudes e rejeição de todos os vícios. Se as estudarmos com amor, muito aprenderemos, pois com diligência, esforço e a graça divina, que tudo concede, tudo se alcança: “quem pede, recebe; quem busca, encontra; a quem bate, a porta se abrirá” (Lc 11, 10).

Exploremos este magnífico jardim da Sagrada Escritura, perfumado, suave e florido, que alegra nossos ouvidos com o canto de inúmeras aves espirituais cheias de Deus. Ele consola o coração na tristeza, acalma-o na irritação e o enche de alegria eterna. Eleva nosso pensamento sobre as asas brilhantes da divina pomba (Sl 68, 14), conduzindo-nos ao Filho Unigênito, herdeiro da vinha espiritual, e, por meio Dele, ao Pai das luzes (Tg 1, 17).

Não o exploremos com desânimo, mas com ardor e perseverança. Se um trecho, lido repetidas vezes, não for compreendido, não desanimemos: insistamos, reflitamos, questionemos. Está escrito: “Interroga teu pai, e ele te dirá; teus anciãos, e eles te responderão” (Dt 32, 7). A ciência não é para todos (1 Cor 8, 7). Vamos à fonte deste jardim, bebendo das águas puras que brotam para a vida eterna (Jo 4, 14). Gozaremos delas sem nos saciar, pois sua graça é inesgotável.

Se algo útil vier de autores profanos, nada nos impede. Sejam como cambistas experientes: recolhamos o ouro puro e rejeitemos o falso. Acolhamos suas boas lições e descartemos aos cães suas divindades e mitos absurdos, pois disso tiraremos força para combatê-los.

A Força da Cruz

Texto: Exposição da Fé Ortodoxa, IV, 11

Todas as obras e milagres de Cristo são extraordinários, divinos e admiráveis, mas nada supera sua venerável cruz. Por ela, a morte foi abolida, o pecado original extinto, o inferno despojado, a ressurreição concedida, e recebemos a força para desprezar o mundo e a morte. Por ela, retornamos à felicidade original, as portas do Paraíso se abriram, nossa natureza foi elevada à destra de Deus, e nos tornamos seus filhos e herdeiros. Tudo isso — repito — foi garantido pela cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

A cruz assegura essas bênçãos: “Todos os que fomos batizados em Cristo fomos batizados em sua morte” (Rm 6, 3); “Todos os que fomos batizados em Cristo nos revestimos de

Cristo” (Gl 3, 27). Cristo é “o poder e a sabedoria de Deus” (1 Cor 1, 24). Sua morte na cruz nos revestiu da verdadeira sabedoria e poder divinos. A palavra da cruz é o poder de Deus, revelando a vitória sobre a morte. Como os quatro braços da cruz convergem ao centro, assim o alto e o profundo, o longo e o largo — toda a criação visível e invisível — são abarcados pelo poder divino.

A cruz é sinal em nossa frente, como a circuncisão foi para Israel, distinguindo-nos dos infiéis. É escudo, arma e troféu contra o demônio; selo contra o anjo exterminador (Ex 9, 12); apoio para os firmes, guia para os que se convertem, salvação da alma e do corpo. Afasta os males, acolhe os bens, mata o pecado, planta a ressurreição e é a árvore da vida eterna.

Diante deste madeiro precioso, santificado pelo corpo e sangue do Senhor, devemos nos prostrar em adoração, assim como diante dos cravos, da lança, das vestes e dos lugares sagrados — o presépio, a gruta, o Gólgota, o sepulcro, Sião. Conforme Davi: “Entraremos em suas moradas, adoraremos onde pisaram seus pés” (Sl 132, 7). A cruz, seguida da ressurreição, é nosso descanso (Sl 132, 8). Se valorizamos o terreno, quanto mais o Salvador?

Adoremos a imagem da cruz vivificante, seja de que material for, não pela matéria — longe disso! —, mas pelo que representa: o símbolo de Cristo. Ele disse: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem” (Mt 24, 30). O anjo proclamou: “Procurais Jesus Nazareno, o crucificado” (Mc 16, 6). E o Apóstolo: “Nós pregamos Cristo crucificado” (1 Cor 1, 23). Só um é o Crucificado. Onde está seu sinal, ali Ele está.

A cruz foi prefigurada pelo madeiro da vida no Paraíso (Gn 2-3). Se a morte veio por uma árvore, a vida e a ressurreição vieram por outra. Jacó, Moisés e outros a anunciaram em símbolos. Que nós, adoradores da cruz, participemos de Cristo crucificado!

O Coro dos Anjos

Texto: Exposição da Fé Ortodoxa, II, 3

O anjo é um ser inteligente, dotado de livre-arbítrio, em constante serviço incorpóreo a Deus, agraciado com imortalidade por dom divino — sua essência, porém, só o Criador conhece plenamente. Como criatura, é mutável; como racional, é livre, podendo progredir no bem ou inclinar-se ao mal. Sua imortalidade é graça, não natureza, pois só Deus, sem início nem fim, transcende o tempo.

Os anjos são luzes espirituais, refletindo a Luz primordial. Comunicam-se sem voz, criados pelo Verbo e perfeccionados pelo Espírito Santo, cada um segundo sua ordem e dignidade. Estão limitados: se no Céu, não na Terra; se enviados, não no Paraíso. Não possuem forma fixa, aparecendo conforme Deus deseja, adaptados à visão humana.

Recebem santidade do Espírito Santo, não de si mesmos. Podem prever o futuro pela iluminação divina e, sendo imortais, não necessitam de união. São ágeis, poderosos, prontos a cumprir a vontade de Deus, guardando nações e auxiliando os homens conforme o desígnio divino. Contemplam a Deus no grau permitido, nutrindo-se dessa

visão. Superiores a nós por sua incorporeidade, transformam-se para revelar mistérios divinos e louvam a Deus no Céu.

Mãe da Glória

Texto: Homilia 2 na Dormição da Virgem Maria, 2 e 14

Hoje, a Virgem Santa, que cultivou a virgindade com pureza ardente, é conduzida às alturas e apresentada no templo celestial. Única entre as mulheres, permaneceu virgem antes, durante e após o parto. Hoje, a arca viva do Deus vivo, que carregou seu Criador, repousa no templo não feito por mãos. Davi, seu antepassado, dança; os anjos formam coro, os arcanjos celebram, e os coros celestiais glorificam a Mãe da Glória.

Hoje, a alma pura, consagrada ao Espírito Santo, deixa o corpo que gerou a Vida e encontra repouso aos pés do Senhor, na terra da herança suprema. O Céu acolhe o Paraíso espiritual do novo Adão, onde nossa condenação é apagada e nossa nudez, vestida pela graça. O Filho Unigênito, nascido da Virgem, diviniza a humanidade, revestindo-nos de incorrupção.

Hoje, a Virgem imaculada, nutrida por pensamentos celestiais, não retorna à terra, mas habita os tabernáculos celestes. Chamá-la céu não é exagero: ela supera os céus, pois o Criador, incontível, fez-se homem em seu seio. Tesouro da vida e abismo da graça, enfrenta a morte sem temor — se é que se pode chamar morte essa partida luminosa.

Obedecendo à lei de seu Filho, como filha de Adão, ela a aceita; mas, tendo gerado a Vida eterna, vive para sempre. Como o corpo de Cristo ressuscitou, ela foi elevada ao Céu, reunida ao Filho. Convinha que a Mãe do Verbo habitasse as moradas divinas, que a Esposa do Pai vivesse no palácio celestial, que a Virgem contemplasse seu Filho à destra do Pai, possuindo tudo o que Ele possui, honrada por todas as criaturas.

O último Padre da Igreja no Oriente nasceu em Damasco entre os anos 650 e 674, no seio de uma família abastada. Seu pai ocupava um cargo importante na Corte, e ele também chegou a fazer parte da administração do califado, como Logoteta ou chefe da população cristã, que já estava sob o domínio dos Califas. Por volta do ano 726, deixou este cargo e retirou-se para o mosteiro de São Sabas, perto de Jerusalém.

Ordenado sacerdote, realizou uma considerável atividade literária, respondendo às perguntas de muitos bispos e pregando frequentemente em Jerusalém. Homem de vasta cultura, seu apaixonado amor por Jesus Cristo e sua terna devoção a Santa Maria colocam-no entre os homens ilustres da Igreja, tanto por sua virtude quanto por sua ciência. Do ponto de vista teológico, sua importância reside em ter sabido reunir e expor o essencial da tradição patrística, sem deixar de ter força criativa própria. Sua atividade literária deixou obras dogmáticas, polêmicas, exegéticas, ascético-morais, homiléticas e poéticas. Seu nome está indissoluvelmente ligado à defesa da ortodoxia cristã contra a heresia iconoclasta, que rejeitava o culto às imagens.

São João Damasceno transmitiu à Idade Média uma admirável síntese das riquezas doutrinárias da Patrística grega. Ele é, junto com São João Crisóstomo, o Padre oriental mais citado pelos autores escolásticos, que o consideravam uma autoridade. Pouco tempo depois de sua morte, ocorrida por volta do ano 750, sua fama de santidade já estava muito difundida. Recebeu do II Concílio de Niceia (ano 787) os mais calorosos elogios por sua santidade e ortodoxia. No dia 19 de agosto de 1890, foi proclamado Doutor da Igreja por Leão XIII.

4. Mãe da glória (Homilia 2 na dormição da Virgem Maria, 2 e 14)

Hoje é introduzida nas regiões sublimes e apresentada no templo celestial a única e santa Virgem, a que com tanto afã cultivou a virgindade, que chegou a possuí-la no mesmo grau que o fogo mais puro. Pois enquanto todas as mulheres a perdem ao dar à luz, Ela permaneceu virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Hoje a arca viva e sagrada do Deus vivo, a que levou em seu seio a seu próprio Artífice, descansa no templo do Senhor, templo não edificado por mãos humanas. Dança Davi, avô seu e antepassado de Deus, e com ele formam coro os anjos, aplaudem os Arcanjos, celebram as Virtudes, exultam os Principados, as Dominações se deleitam, alegram-se as Potestades, fazem festa os Tronos, os Querubins cantam louvores e proclamam sua glória os Serafins. E não é uma honra de pouca monta, pois glorificam a Mãe da glória.

Hoje a sacratíssima pomba, a alma simples e inocente consagrada ao Espírito Santo, saiu voando da arca, isto é, do

corpo que havia gerado a Deus e lhe havia dado a vida, para encontrar descanso a seus pés; e tendo chegado ao mundo inteligível, fixou sua sede na terra da suprema herança, aquela terra que não está sujeita a nenhuma sujeira.

Hoje o Céu dá entrada ao Paraíso espiritual do novo Adão, no qual nos livramos da condenação, é plantada a árvore da vida e coberta nossa nudez. Já não estamos carentes de vestes, nem privados do resplendor da imagem divina, nem despojados da copiosa graça do Espírito. Já não nos lamentamos da antiga nudez, dizendo: tiraram-me minha túnica, como poderei vesti-la? (Ct 5, 3). No primeiro Paraíso esteve aberta a entrada à serpente, enquanto nós, por termos ambicionado a falsa divindade que nos prometia, fomos comparados aos jumentos (cf. Sl 48, 13). Mas o mesmo Filho Unigênito de Deus, que é Deus consubstancial ao Pai, fez-se homem tomando origem desta terra puríssima que é a Virgem. Deste modo, sendo eu um puro homem, recebi a divindade; sendo mortal, fui revestido de imortalidade e despojei-me da túnica de pele. Rejeitando a corrupção, revesti-me de incorrupção, graças à divinização que recebi.

Hoje a Virgem imaculada, que não conheceu nenhuma das culpas terrenas, mas se alimentou dos pensamentos celestiais, não voltou à terra; como Ela era um céu vivo, encontra-se nos tabernáculos celestiais. De fato, quem faltaria à verdade chamando-a céu?; ao menos se pode dizer, compreendendo bem o que se quer significar, que é superior aos céus por seus incomparáveis privilégios. Pois quem fabricou e conserva os céus, o Artífice de todas as coisas criadas —tanto as terrenas como as celestiais, caíam ou não sob nosso olhar—, Aquele que em nenhum lugar é contido,

encarnou-se e fez-se criança n'Ela sem obra de varão, e transformou-a em belíssimo tabernáculo dessa única divindade que abarca todas as coisas, totalmente recolhido em Maria sem sofrer paixão alguma, e permanecendo ao mesmo tempo totalmente fora, pois não pode ser compreendido.

Hoje a Virgem, o tesouro da vida, o abismo da graça— não sei como expressá-lo com meus lábios audazes e trêmulos—nos é escondida por uma morte vivificante. Ela, que gerou o destruidor da morte, vê-a aproximar-se sem temor, se é que se pode chamar morte a esta partida luminosa, cheia de vida e santidade. Pois a que deu a verdadeira Vida ao mundo, como poderia submeter-se à morte?

Mas Ela obedeceu à lei imposta pelo Senhor¹ e, como filha de Adão, sofre a sentença pronunciada contra o pai. Seu Filho, que é a própria Vida, não a rejeitou, e por isso é justo que o mesmo aconteça à Mãe do Deus vivo. Mas tendo dito Deus, referindo-se ao primeiro homem: não seja que estenda agora sua mão à árvore da vida e, comendo dela, viva para sempre (Gn 3, 22), como não viverá eternamente a que gerou Aquele que é a Vida sempiterna e interminável, aquela Vida que não teve início nem terá fim?

(...) Se o corpo santo e incorruptível que Deus, n'Ela, uniu à sua pessoa, ressuscitou do sepulcro ao terceiro dia, é justo que também sua Mãe fosse tirada do sepulcro e se reunisse com seu Filho. É justo que assim como Ele havia descido até Ela, Ela fosse elevada a um tabernáculo mais alto e mais precioso, ao próprio céu.

Convinha que a que havia dado abrigo em seu seio ao Verbo de Deus, fosse colocada nas moradas divinas de seu Filho; e assim como o Senhor disse que queria estar na companhia dos que pertenciam a seu Pai, convinha que a Mãe habitasse no palácio de seu Filho, na morada do Senhor, nos átrios da casa de nosso Deus. Pois se lá está a habitação de todos os que vivem na alegria, onde haveria de encontrar-se a que é Causa de nossa alegria?

Convinha que o corpo da que guardou uma virgindade sem mancha no parto fosse também conservado pouco depois da morte.

Convinha que a que levou em seu regazo ao Criador feito criança habitasse nos tabernáculos divinos.

Convinha que a Esposa escolhida pelo Pai vivesse na morada do Céu.

Convinha que a que contemplou seu Filho na Cruz, e teve seu coração traspassado pela dor que não a havia ferido no parto, O contemplasse, a Ele mesmo, sentado à direita do Pai.

Convinha, enfim, que a Mãe de Deus possuísse tudo o que possuía o Filho, e fosse honrada por todas as criaturas.

Notas:

1. É de fé a Assunção da Virgem em corpo e alma ao Céu; sobre se Nossa Senhora sofreu ou não a morte corporal, o Magistério da Igreja não se pronunciou.

5. O jardim da Sagrada Escritura (Exposição da fé ortodoxa, IV 17)

Diz o Apóstolo: Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora pelos profetas; nestes últimos tempos, nos falou por meio do Filho (Hb 1, 1-2). Por meio do Espírito Santo falaram a lei os profetas, os evangelistas, os apóstolos, os pastores e mestres. Por isso, toda a Escritura é inspirada por Deus e também útil (cf. 2 Tm 3, 16). É, pois, coisa bela e salutar investigar as divinas Escrituras. Como uma árvore plantada junto a cursos de água, assim a alma regada pela Sagrada Escritura cresce e dá fruto a seu tempo (Sl 1, 3); isto é, a fé reta, e está sempre adornada de folhas verdes, isto é, de obras agradáveis a Deus. Pelas santas Escrituras, de fato, somos conduzidos a cumprir ações virtuosas e à pura contemplação.

Nelas encontramos o estímulo para todas as virtudes e a rejeição de todos os vícios. Por isso, se aprendermos com amor, aprenderemos muito; pois mediante a diligência, o esforço e a graça de Deus, que dá todas as coisas, tudo se obtém: quem pede, recebe; quem busca, encontra; a quem bate, se abrirá (Lc 11, 10).

Exploremos, pois, este magnífico jardim da Sagrada Escritura, um jardim que é perfumado, suave, cheio de flores, que alegra nossos ouvidos com o canto de múltiplas aves espirituais, cheias de Deus; que toca nosso coração e o consola quando está triste, o acalma quando se irrita, o enche de eterna alegria; que eleva nosso pensamento sobre o dorso brilhante e dourado da divina pomba (cf. Sl 67, 14), que com suas asas esplendorosas nos leva até o Filho Unigênito e

herdeiro do dono da vinha espiritual, e por meio d'Ele ao Pai das luzes (Tg 1, 17).

Mas não o exploremos com desânimo, mas com ardor e constância; não nos cansemos de explorá-lo. Desse modo, ele se nos abrirá.

Se lermos uma e outra vez uma passagem e não a compreendermos, não devemos desanimar, mas insistir, refletir, interrogar. Está escrito, de fato: interroga teu pai e ele te anunciará, teus anciãos e eles te dirão (Dt 32, 7). A ciência não é coisa de todos (cf. 1 Cor 8, 7). Vamos à fonte deste jardim para tomar as águas perenes e puríssimas que brotam para a vida eterna (cf. Jo 4, 14). Gozaremos e nos saciaremos, sem nos saciar, porque sua graça é inesgotável. Se pudermos tomar algo útil também dos de fora [dos escritores profanos], nada nos o proíbe; mas comportemo-nos como experientes cambistas, que recolhem o ouro genuíno e puro, enquanto rejeitam o ouro falso. Acolhamos seus bons ensinamentos e lancemos aos cães suas divindades e seus mitos absurdos, pois de tudo isso tiraremos mais forças para combatê-los. Sumário

6. A força da Cruz (Exposição da fé ortodoxa, I14 11)

Todas as obras e milagres de Cristo são sobressalentes, divinos e admiráveis; mas o mais digno de admiração é sua venerável cruz. Porque por nenhuma outra causa se aboliu a morte, se extinguiu o pecado do primeiro pai, se despojou o Inferno, se nos entregou a ressurreição, se nos concedeu a força de desprezar o mundo presente e a própria morte, se

endireitou nosso retorno à primitiva felicidade, se abriram as portas do Paraíso, se situou nossa natureza junto à direita de Deus, e fomos feitos filhos e herdeiros seus, não por nenhuma outra causa—repito—mais que pela cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. A cruz garantiu todas estas coisas: todos os que fomos batizados em Cristo, disse o Apóstol, fomos batizados em sua morte (Rm 6, 3). Todos os que fomos batizados em Cristo nos revestimos de Cristo (Gl 3, 27). Cristo é a virtude e a sabedoria de Deus (2 Cor 1, 24).

Portanto, a morte de Cristo, isto é, a cruz, nos revestiu da autêntica sabedoria e potência divina. O poder de Deus é a palavra da cruz, porque por ela se nos manifestou a potência de Deus, isto é, a vitória sobre a morte; e do mesmo modo que os quatro extremos da cruz se dobram e se encerram na parte central, assim o elevado e o profundo, o longo e o largo, isto é, toda criatura visível e invisível, é abarcada pelo poder de Deus.

A cruz nos foi dada como sinal na fronte, assim como a circuncisão foi dada a Israel, pois por ela os fiéis nos diferenciamos dos infiéis e nos damos a conhecer aos outros. É o escudo, a arma e o troféu contra o demônio. É o selo para que não nos alcance o anjo exterminador, como diz a Escritura (cf. Ex 9, 12). É o instrumento para levantar os que estão caídos, o apoio dos que se mantêm de pé, o bastão dos fracos, a vara dos que são apascentados, a guia dos que se voltam para trás, o ponto final dos que avançam, a saúde da alma e do corpo, a que afasta todos os males, a que acolhe todos os bens, a morte do pecado, a planta da ressurreição, a árvore da vida eterna.

Assim, pois, diante deste madeiro precioso e verdadeiramente digno de veneração, no qual Cristo se ofereceu como hóstia por nós, devemos nos ajoelhar para adorá-lo, porque foi santificado pelo contato com o corpo e sangue santíssimos do Senhor. Também devemos agir assim com os cravos, a lança, as vestes e os lugares sagrados onde o Senhor esteve: o presépio, a gruta, o Gólgota que nos trouxe a salvação, o sepulcro que nos deu a vida, Sião, fortaleza da Igreja, e outros lugares semelhantes, como dizia Davi, antepassado de Deus segundo a carne: entraremos em suas moradas, adoraremos no lugar onde estiveram seus pés (Sl 131, 7).

As palavras que se expõem a seguir demonstram que Davi se refere à cruz: levanta-te, Senhor, ao teu descanso (Ibid., 8). A ressurreição segue a cruz. Pois se entre as coisas queridas estimamos a casa, o leito e a vestimenta, quanto mais queridas serão para nós, entre as coisas de Deus e de nosso Salvador, as que nos proporcionaram a salvação?

Adoremos a imagem da preciosa e vivificante cruz, seja ela feita de qualquer matéria! Porque não veneramos o objeto material—nunca aconteça isso!—, mas o que ele representa: o símbolo de Cristo. Ele mesmo, referindo-se à cruz, advertiu seus discípulos: então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu (Mt 24, 30). E, por isso, o anjo que anunciava a Ressurreição disse às mulheres: buscais a Jesus Nazareno, o crucificado (Mc 16, 6). E o Apóstolo: nós anunciamos Cristo crucificado (2 Cor 2, 23). Há muitos Cristos e muitos Jesus, mas só um é o crucificado. Não disse traspassado pela lança, mas crucificado. Há que adorar, portanto, o símbolo de Cristo; onde estiver seu sinal, ali também se encontrará Ele. Mas a

matéria com que estiver construída a imagem da cruz, ainda que seja de ouro ou de pedras preciosas, não há que adorá-la depois que se destrua a figura. Adoramos todas as coisas consagradas a Deus para prestar-lhe culto.

A árvore da vida, plantada por Deus no Paraíso, prefigurou esta venerável cruz. Já que pela árvore apareceu a morte (Gn 2 e 3), convinha que pela árvore nos fosse dada a vida e a ressurreição. Jacó, que foi o primeiro a adorar a extremidade do bastão de José, designou a cruz, porque ao abençoar seus filhos com as mãos segurando o bastão, delineou claramente o sinal da cruz.

Também a prefiguram a vara de Moisés, depois de golpear o mar traçando a figura da cruz, de salvar Israel e de submergir o Faraó; suas mãos estendidas em forma de cruz e que puseram em fuga Amalec; a água adoçada pelo madeiro e a rocha fendida da qual fluía uma fonte; a vara de Aarão, que sancionava a dignidade de sua hierarquia sacerdotal; a serpente feita, segundo o costume dos troféus, sobre madeira, como se estivesse morta (embora esta madeira tenha dado a salvação aos que com fé viam morto o inimigo), como Cristo foi pregado com carne incapaz de pecado. O grande Moisés exclamou: vereis vossa vida pendurada no madeiro diante de vossos olhos (Dt 28, 66). E Isaías: todo o dia estendi minhas mãos ante o povo que não crê e que me contradiz (Is 15, 2).

Oxalá os que adoramos a cruz participemos de Cristo crucificado! Sumário

7. O coro dos anjos (Exposição sobre a fé ortodoxa, II, 3)

O anjo é um ser inteligente, dotado de livre arbítrio, em contínua atividade incorpórea ao serviço de Deus; enriquecido com a imortalidade graças ao dom do Altíssimo, embora só o Criador saiba em que consiste sua substância e possa defini-la (...).

O anjo é uma natureza racional, inteligente, livre, sujeita ao raciocínio e determinada na vontade, pois tudo o que foi criado deve estar sujeito à mudança: só o incriado está fora da esfera da mutabilidade. Também o que é racional está dotado de liberdade e, por isso, o anjo, ao ter razão e ser inteligente, goza de livre arbítrio; é uma natureza criada e mutável, pois livremente pode aderir ao bem e progredir nele, ou dobrar-se ao mal (...). Tem a imortalidade, mas só por graça e dom divinos, não por natureza, pois tudo o que tem princípio deve ter um fim. Só Deus existe desde sempre. Quem criou o tempo e está acima dele, não está sujeito ao tempo.

Os anjos são luzes espirituais que recebem seu esplendor daquela primeira Luz, que não tem princípio. Não precisam de língua, nem de ouvidos, pois se comunicam as experiências e ideias sem auxílio de voz. Foram criados por meio do Verbo e receberam sua perfeição através do Espírito Santo, para que cada um receba, segundo sua dignidade e ordem, a graça e a glória.

Estão circunscritos ou limitados no sentido de que, enquanto estão no Céu, não estão na terra, ou se são enviados

por Deus ao mundo, não permanecem no Paraíso. Mas não estão sujeitos a um lugar fixado por muros, portas, cercas ou fechaduras; nem são reduzidos a uns limites precisos.

Também não estão vinculados a figura alguma; aparecem aos que Deus quer, mas não como são, e sim na forma adequada à vista de quem os vê. Por outro lado, só o que é incriado rejeita por natureza qualquer limite; as criaturas, ao contrário, estão limitadas pelos termos fixados pelo Criador. De outra parte, os anjos recebem a santidade não de sua própria natureza, mas de outra fonte, que é o Espírito Santo. Graças à iluminação de Deus podem predizer o futuro e não têm necessidade de união conjugal porque são imortais (...).

Os anjos são poderosos e prontos a cumprir a vontade de Deus; dotados de tal agilidade que se encontram no instante lá onde Deus quer. Cada um tem sob sua custódia uma parte da terra, preside a uma nação ou a um povo, segundo as disposições do Criador: dirigem nossos assuntos e nos ajudam na medida em que, por vontade divina, estão acima do homem e se encontram sempre ao redor de Deus (...).

Contemplam o Altíssimo no grau em que o Senhor o permite a cada um e deste manjar se alimentam. Superiores a nós porque são incorpóreos e imunes às paixões corporais, embora não de qualquer paixão, porque isso só compete a Deus. Transformam-se em tudo o que a divindade quer e, deste modo, se fazem visíveis aos homens, revelando-lhes os mistérios divinos. Encontram-se no Céu e têm a missão de louvar a Deus e cumprir sua vontade. Sumário

Da veneração das imagens ao louvor da matéria: "O grande mar do amor de Deus pelo homem"

Papa Bento XVI



Hoje, gostaria de falar sobre João Damasceno, uma figura de extrema importância na história da teologia bizantina e um grande Doutor da Igreja universal. Ele é, sobretudo, uma testemunha ocular da transição da cultura cristã grega e síria, compartilhada pela parte oriental do Império Bizantino, para a cultura islâmica, que se expandiu com suas conquistas militares no território conhecido como Médio ou Próximo Oriente.

João nasceu em uma rica família cristã e, ainda jovem, assumiu o cargo de responsável econômico do califado, possivelmente herdado de seu pai. No entanto, insatisfeito com a vida na corte, optou pela vida monástica, ingressando no mosteiro de São Saba, próximo a Jerusalém, por volta do ano 700. Sem nunca se afastar do mosteiro, dedicou-se intensamente à ascese e à atividade literária, sem negligenciar uma certa atividade pastoral, evidenciada principalmente em suas numerosas homilias. Sua memória litúrgica é celebrada em 4 de dezembro, e o Papa Leão XIII proclamou-o Doutor da Igreja universal em 1890.

No Oriente, João Damasceno é especialmente lembrado por seus três Discursos contra aqueles que caluniam as santas imagens. Esses discursos foram

condenados após sua morte pelo Concílio iconoclasta de Hieria (754), mas tornaram-se a base para sua reabilitação e canonização pelos Padres ortodoxos no II Concílio de Niceia (787), o sétimo concílio ecumênico. Nesses textos, encontram-se as primeiras tentativas teológicas de legitimar a veneração das imagens sagradas, vinculando-as ao mistério da Encarnação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria.

Além disso, João Damasceno foi um dos primeiros a distinguir, no culto público e privado dos cristãos, entre adoração e veneração: a primeira é reservada exclusivamente a Deus, que é sumamente espiritual; a segunda pode utilizar uma imagem para dirigir-se àquele que ela representa. Obviamente, o santo nunca pode ser identificado com a matéria que compõe o ícone. Essa distinção foi crucial para responder de maneira cristã àqueles que defendiam a proibição do Antigo Testamento sobre o uso de imagens no culto, uma proibição também adotada pelo Islã.

João Damasceno escreveu:

"Outrora, Deus nunca fora representado em imagens, uma vez que era incorpóreo e sem rosto. Mas, dado que agora Deus foi visto na carne e viveu no meio dos homens, eu represento aquilo que é visível em Deus. Não venero a matéria, mas o Criador da matéria, que por mim se fez matéria e se dignou habitar na matéria, realizando a minha salvação através dela. Por isso, não cessarei de venerar a matéria através da qual chegou a minha salvação. Mas não a venero de modo algum como Deus! Como poderia ser Deus aquilo que recebeu a existência a partir do não-ser? ... Venero e respeito também todo o resto da matéria que me propiciou a

salvação, enquanto plena de energias e de graças santas. Não é por acaso matéria o madeiro da cruz três vezes santa? ... E a tinta e o livro santíssimo dos Evangelhos não são matéria? O altar salvífico que nos dispensa o pão de vida não é matéria? ... E, antes de tudo, não são matéria a carne e o sangue do meu Senhor? Deves suprimir o caráter sagrado de tudo isto, ou deves conceder à tradição da Igreja a veneração das imagens de Deus e a dos amigos de Deus, que são santificados pelo nome que têm e, por essa razão, são habitados pela graça do Espírito Santo. Portanto, não ofendas a matéria: ela não é desprezível, porque nada do que Deus fez é desprezível."

Vemos que, por causa da Encarnação, a matéria parece como que divinizada, tornando-se morada de Deus. Essa é uma nova visão do mundo e das realidades materiais. Deus fez-se carne, e a carne tornou-se verdadeiramente morada de Deus, cuja glória resplandece no rosto humano de Cristo. As reflexões de João Damasceno continuam extremamente atuais, especialmente ao considerar a excelsa dignidade que a matéria recebeu na Encarnação, podendo tornar-se, na fé, sinal e sacramento eficaz do encontro do homem com Deus.

João Damasceno é, portanto, uma testemunha privilegiada do culto aos ícones, que se tornaria um dos aspectos mais distintivos da teologia e da espiritualidade oriental até os dias de hoje. Esse culto, no entanto, pertence simplesmente à fé cristã, à fé naquele Deus que se fez carne e se tornou visível. Seu ensinamento insere-se na tradição da Igreja universal, cuja doutrina sacramental prevê que elementos materiais da natureza possam tornar-se pontes de

graça, em virtude da invocação (epiclese) do Espírito Santo, acompanhada pela profissão da verdadeira fé.

Em conexão com essas ideias fundamentais, João Damasceno também defende a veneração das relíquias dos santos, baseando-se na convicção de que os santos cristãos, ao participarem da ressurreição de Cristo, não podem ser considerados simplesmente "mortos". Ele escreveu:

"Deus, que é bom e superior a toda a bondade, não se contentou com a contemplação de si mesmo, mas quis que seres por Ele beneficiados pudessem tornar-se partícipes da sua bondade: por isso, de nada criou todas as coisas visíveis e invisíveis, inclusive o homem, realidade visível e invisível. E criou-o pensando e realizando-o como um ser capaz de pensamento, enriquecido pela palavra e orientado para o espírito."

O otimismo da contemplação natural, de ver na criação visível a bondade, a beleza e a verdade, não é ingênuo. Ele leva em consideração a ferida infligida à natureza humana por uma liberdade de escolha desejada por Deus, mas mal utilizada pelo homem, com todas as consequências de desarmonia que daí decorreram. Daí a necessidade, sentida claramente por João Damasceno, de que a natureza, na qual se refletem a bondade e a beleza de Deus, mas que foi ferida pela nossa culpa, fosse "revigorada e renovada" pela descida do Filho de Deus na carne. Deus, de muitos modos e em diversas ocasiões, demonstrou que criara o homem não apenas para existir, mas para viver no "bem-estar".

Com ímpeto apaixonado, João explica:

"Era necessário que a natureza fosse revigorada e renovada, que fosse indicado e ensinado concretamente o caminho da virtude, que afasta da corrupção e leva à vida eterna... Foi assim que surgiu no horizonte da história o grande mar do amor de Deus pelo homem..."

Essa é uma expressão belíssima. Por um lado, vemos a beleza da criação; por outro, a destruição causada pela culpa humana. Mas, no Filho de Deus, que desce para renovar a natureza, vemos o "mar do amor de Deus pelo homem".

João Damasceno acrescenta:

"Ele mesmo, o Criador e o Senhor, lutou pela sua criatura, transmitindo-lhe com o exemplo o seu ensinamento... E assim o Filho de Deus, mesmo subsistindo na forma de Deus, abaixou os céus e desceu... para junto dos seus servos... realizando a coisa mais nova que todas, a única verdadeiramente nova debaixo do sol, através da qual se manifestou de modo efetivo o poder infinito de Deus."

Podemos imaginar o alívio e a alegria que essas palavras, ricas em imagens fascinantes, trouxeram ao coração dos fiéis da época. Hoje, também podemos ouvi-las e compartilhar os mesmos sentimentos dos cristãos de outrora: Deus quer repousar em nós, deseja renovar a natureza também por meio de nossa conversão e quer fazer-nos participantes de sua divindade. Que o Senhor nos ajude a fazer dessas palavras a substância de nossa vida.

Notas

1. A Assunção da Virgem em corpo e alma ao Céu é dogma de fé. Sobre se ela sofreu morte corporal, o Magistério da Igreja não se pronunciou definitivamente.

Mais Obras de São João Damasceno: Veja em [SOPHIA](#).

